

## A ESTÁTUA-ESTELA DO MARCO (VREIA DE JALES, VILA POUCA DE AGUIAR)

### Notícia preliminar

*António Baptista Lopes\**  
*Armando Coelho F. Silva\**  
*João Ribeiro Parente*  
*Rui M.S. Centeno\**

A nova estátua-estela, agora referenciada na sequência dos trabalhos de prospecção arqueológica que um dos signatários (J.P.) vem desenvolvendo na região, oferece a singularidade da sua implantação *in situ*, no lugar do Marco, dividindo os territórios das aldeias de Barrela e Cerdeira, da freguesia de Vreia de Jales, concelho de Vila Pouca de Aguiar, no distrito de Vila Real, onde aparece, com proeminência, ladeando a via romana que se dirigia para o campo mineiro de Jales e Trêsmas, com as seguintes coordenadas (Fig. 1)<sup>(1)</sup>:

UTM: 29TPF170/868

Altitude: 760m.

As circunstâncias deste achado permitiram-nos identificar parte do traçado da via que ligava *Emerita* a *Aquae Flaviae*, a Norte do rio Douro, até agora meramente esboçado por alguns autores, sobretudo com base num marco miliário de Trajano, aparecido em Constantim (Vila Real)<sup>(2)</sup> e noutros achados e sítios arqueológicos<sup>(3)</sup>. E onde se referia não haver vestígios que provassem a existência desta via<sup>(4)</sup>, pudemos reconhecer no terreno, entre Justes e Jales (Fig. 1), o seu percurso, bem documentado

por notórios troços de pavimento e, em especial, pela Ponte do Arco, sobre o rio Pinhão, de estrutura e com numerosos elementos construtivos romanos, particularmente visíveis nas fiadas de silhares bem conservadas nos estribos (Ests. 1 e 2). De resto, A. Montalvão já anteriormente sugerira, com imprecisões, a definição deste itinerário<sup>(5)</sup>.

Vindo de Justes em direcção a Jales, passada a Ponte do Arco e seguindo o ramal que segue para Chaves, após a bifurcação na Estalagem, a estátua-estela surge-nos a doze metros à esquerda da via romana, no lugar do Marco, cujo topónimo justifica.

Erigido em área aberta no meio de um campo de sequeiro, voltado para Sudeste, este imponente monumento foi esculpido em granito da região, amarelado, de grão médio, com moscovite e rara biotite, a ser objecto de análise petrográfica. Tem de altura, na parte emergente do solo, desde a cabeça, fracturada do lado esquerdo a um vinco saliente que a separa do soco, 2.30 m e de largura máxima, na base, 0.93 m, 0.63 m no tronco e 0.88 m nos ombros; a cabeça tem 0.50 m de altura por 0.39 m de largura máxima. A espessura máxima é de 0.29 m a meio da base.

(\*) Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>(1)</sup> *Carta Militar de Portugal*, SCE, 1:25000, Lisboa 1985, folha 88.

<sup>(2)</sup> BARRADAS 1956, 221; TRANOY 1981, 208, nº 51, mapa XIX.

<sup>(3)</sup> ALARCÃO 1988, II. 1/164, 166, 167, 282, 333, 385, 386, 434, 494.

<sup>(4)</sup> ALARCÃO 1988, I, 56.

<sup>(5)</sup> MONTALVÃO 1971, 58 e 60, n. 5.

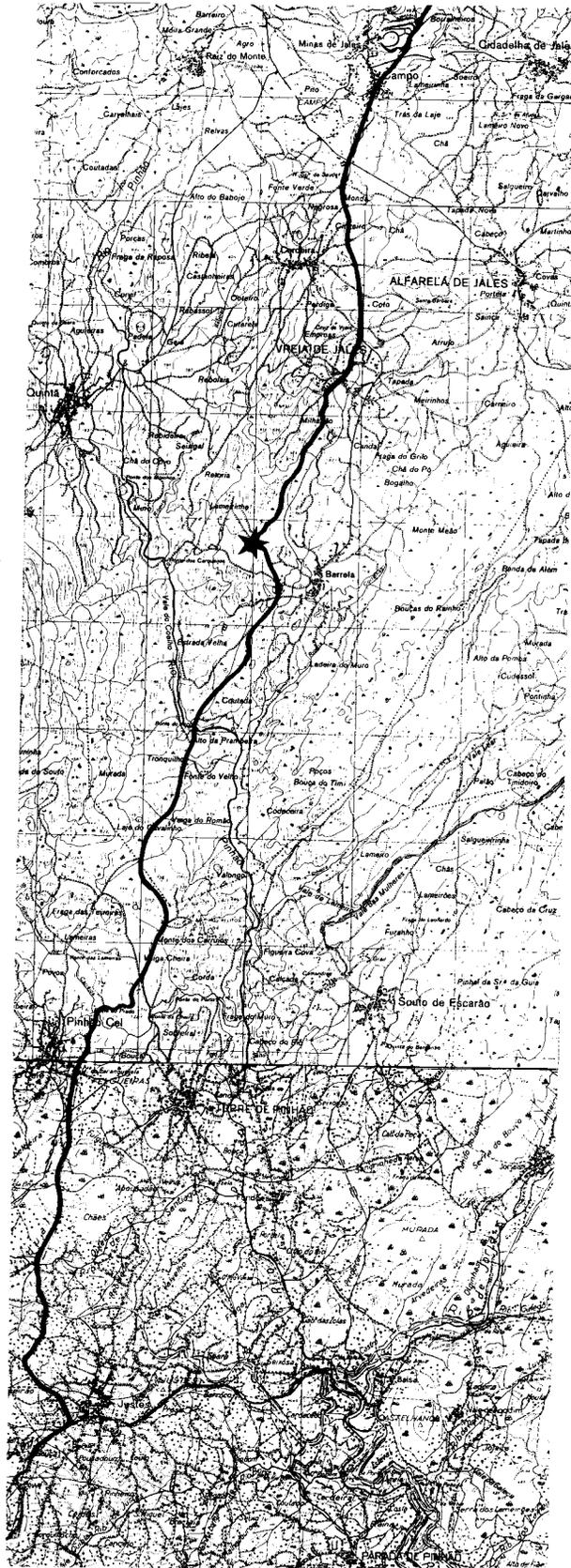


Fig. 1 — Traçado da via romana entre Justes e Campo de Jales. ★ Localização da estátua-estela do Marco (Vreia de Jales).

Aproveitando características volumétricas naturais, esta peça constitui um monólito de faces paralelas, aplanada a anterior, e perfil talhado em bisel alargando para o dorso, que apresenta intacta a configuração típica do grupo de estátuas-estelas do Noroeste, com mais aproximação aos exemplares de

Ermida (Ponte da Barca), Faiões (Chaves) e S. João de Ver (Santa Maria da Feira), geralmente atribuíveis ao Bronze Final/Iª Idade do Ferro<sup>(6)</sup>, sendo também o único exemplar conhecido que se encontra no seu posto original, fixado verticalmente com o soco calçado por pedras bem ajustadas (Fig. 2 e Est. 3).

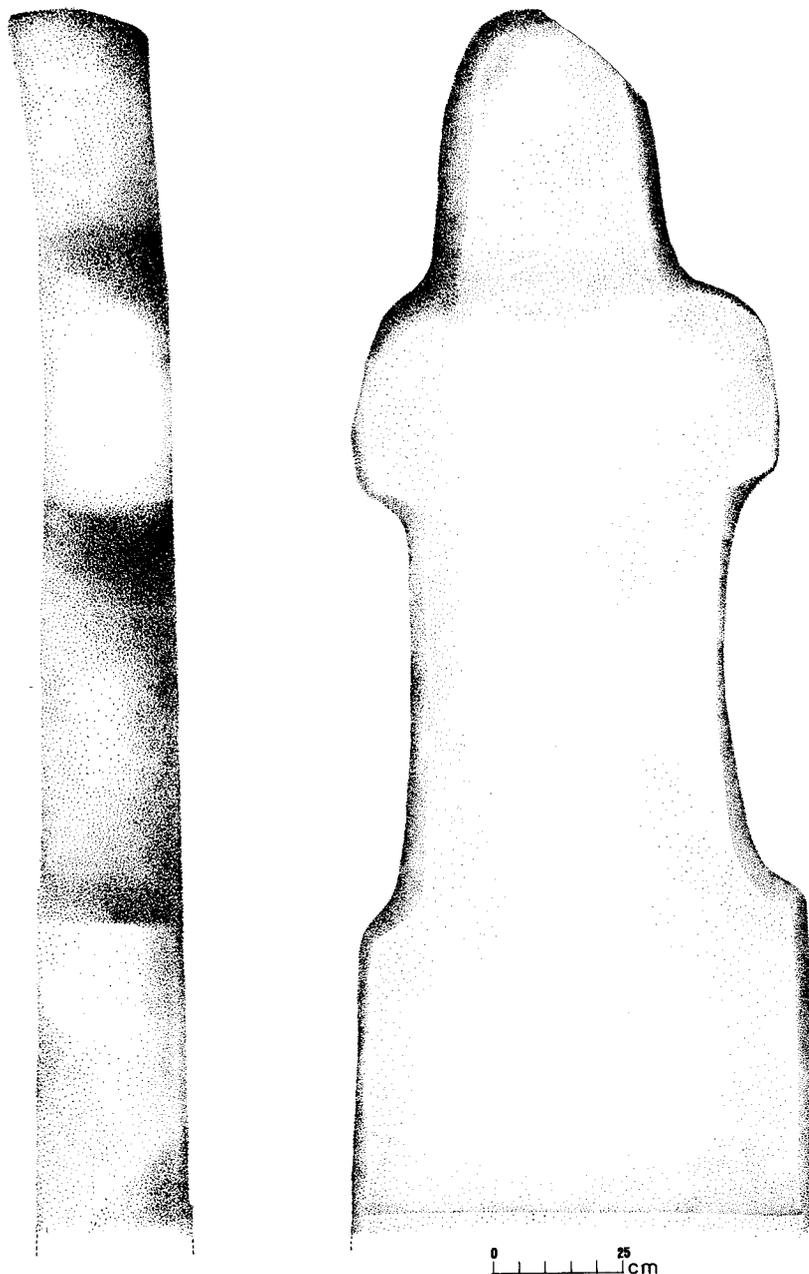


Fig. 2 — Estátua-estela do Marco (Vreia de Jales).

<sup>(6)</sup> V.g., JORGE-JORGE 1990.

Nesta primeira notícia, em que se pretende fundamentalmente divulgar a existência desta expressiva peça escultórica e que ainda não pôde contar, entre outros dados, com resultados de uma intervenção arqueológica específica que permita contextualizar o seu estudo, limitamo-nos, de momento, a um breve comentário.

O carácter antropomórfico desta estátua foi-lhe conferido, minimalisticamente, pelo afeiçoamento dos contornos, resumindo-se a um esquematismo iconográfico em que se esboça a silhueta da cabeça, a estilização dos braços e um tronco adelgado com alargamento para a base. Não evidenciando qualquer pormenor da figuração humana, nem fisiológico nem de teor decorativo, assim se distingue dos outros exemplares deste grupo, que manifestam elementos definidores do sexo, adereços e armamento.

Nos exemplares de Faiões<sup>(7)</sup> e S. João de Ver<sup>(8)</sup> estão gravadas armas e adereços reconhecidos como atributos de caracterização social claramente masculinos, ausentes na estátua de Ermida<sup>(9)</sup>, onde a representação dos seios manifesta a sua feminilidade.

A inexistência de quaisquer atributos do género na estátua-estela do Marco, não permitindo uma identificação segura, deixa em aberto a possibilidade de uma interpretação em função do seu significado.

Neste sentido, será de considerar a sua localização junto de uma via romana, que reproduzia idêntica situação à já anteriormente por nós (A.C.F.S. e R.C.) verificada relativamente à estátua de S. João de Ver, que foi encontrada numa pequena elevação junto à via *Olisipo-Bracara, c. Lancobriga*<sup>(10)</sup>, e a possibilidade do exemplar de Faiões apresentar posição congénere, por estar referenciado um ramal da

via XVII do Itinerário de Antonino com passagem por esta localidade<sup>(11)</sup>.

Por entre os problemas e as teorias relativas a esta imaginária, designadamente quanto à questão cronológica e evolução histórica, origem cultural, função, significado e interpretação simbólica, parece claro que a sua permanência junto das vias poderá atestar casos de pervivência da rede de caminhos pré-romanos, com integração dos elementos sinalizadores dos territórios indígenas, que estes monumentos tinham a seu cargo tutelar religiosamente.

#### BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. – *Roman Portugal*. 2 vols., Warminster 1988.
- ALMEIDA, C.A.F. de; JORGE, V.O. – *A estátua-menir de Faiões (Chaves)*. (Trabalhos do GEAP, 2), Porto 1979.
- AMARAL, P. – *O povoamento romano no vale superior do Tâmega. Permanências e mutações na humanização de uma paisagem*. Porto 1993 (Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- BAPTISTA, A.M. – A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *AP série IV* 3 1985, 7-44.
- BARRADAS, L.A. – Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança, *RG* 66(1-2) 1956, 159-240.
- JORGE, V.O.; ALMEIDA, C.A.F. de – *A estátua-menir fállica de Chaves*. (Trabalhos do GEAP, 6), Porto 1980.
- JORGE, V.O.; JORGE, S.O. – Statues-menhirs et stèles du nord du Portugal, *RFLUPH II SÉRIE VII* 1990, 299-324.
- MONTALVÃO, A. – *Notas sobre vias romanas em terras flavienses*. Bragança 1971.
- TRANOY, A. – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité*. Paris 1981.

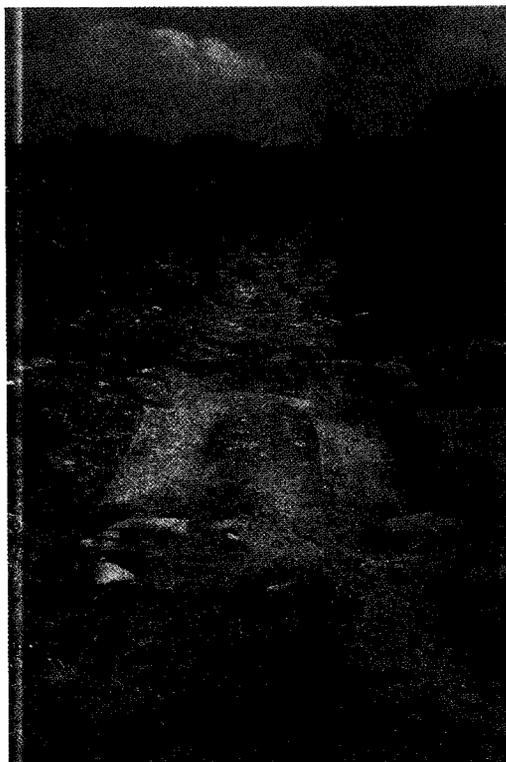
<sup>(7)</sup> ALMEIDA-JORGE 1979.

<sup>(8)</sup> JORGE-JORGE 1983.

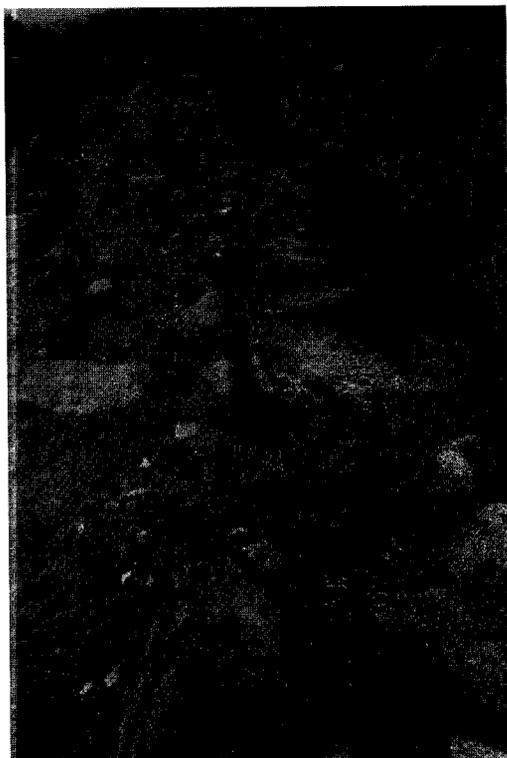
<sup>(9)</sup> BAPTISTA 1985.

<sup>(10)</sup> A estátua foi encontrada por meados dos anos sessenta no decurso das obras de construção do restaurante Tigre, na freguesia de S. João de Ver, ao Km 281, 750 da E.N. 1. Segundo informações por nós recolhidas em 1981 na Cooperativa Agrícola da Feira, a peça foi recolhida, posteriormente ao seu achado, nas instalações do então Grémio da Lavoura da Vila Feira, donde transitou para uma casa de S. João de Ver e daí para um arquitecto do Porto.

<sup>(11)</sup> ALMEIDA-JORGE 1979, 7; AMARAL 1993, 51.

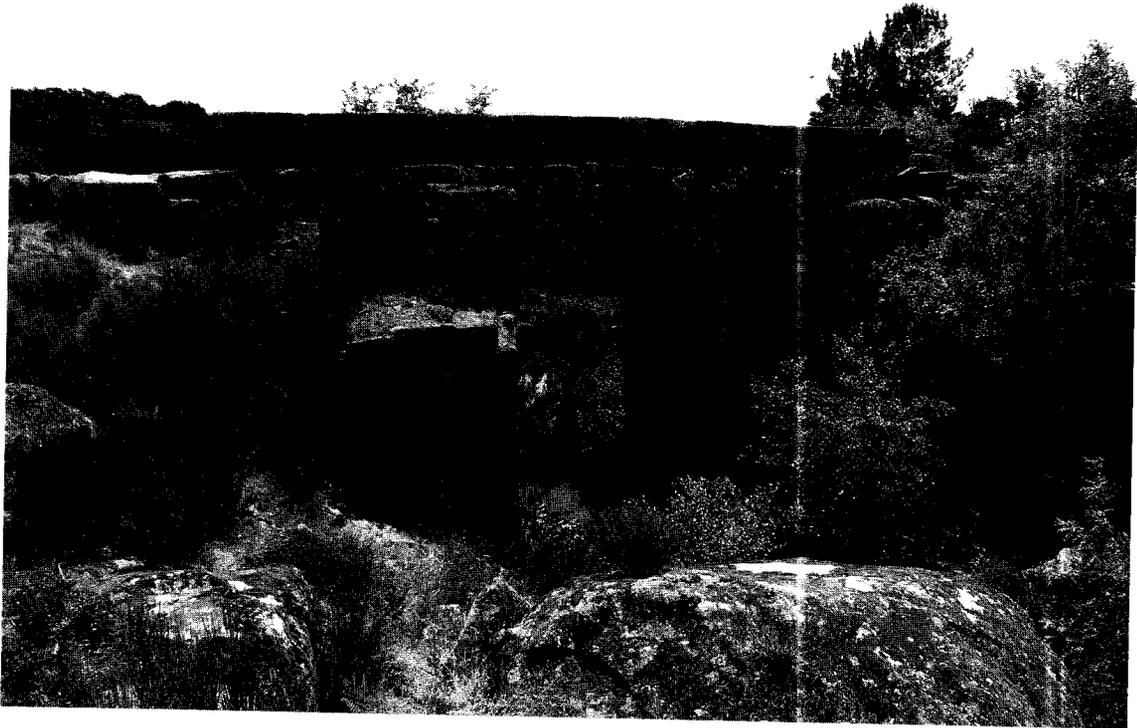


1



2

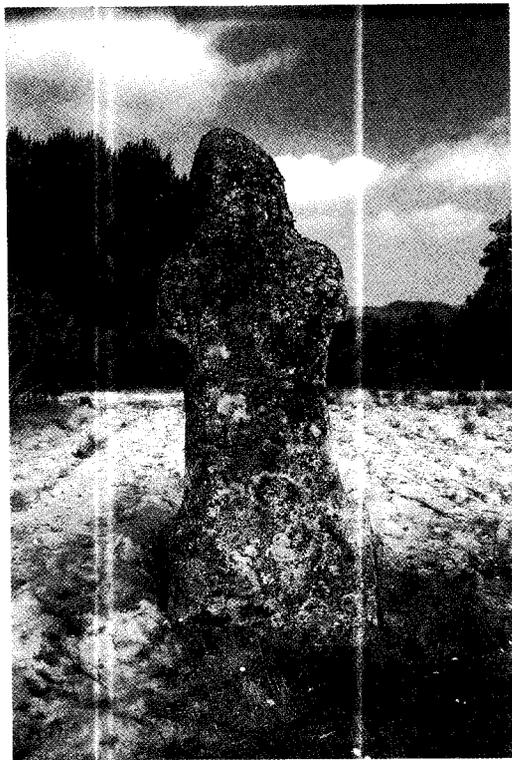
Est. 2



1



2



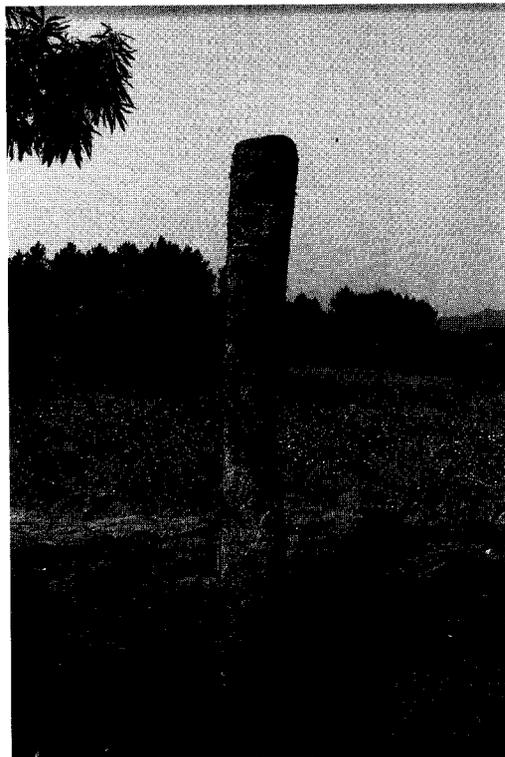
1



2



3



4

